

ICONICIDADE EM REDAÇÕES DO ENEM: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES TEXTUAIS A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Pedro Felipe de Lima Henrique ¹

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar os resultados de uma análise preliminar de dados de escrita produzidos por alunos na etapa final do ensino médio a partir de alguns pressupostos teóricos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). O *corpus* analisado é composto por fragmentos de produções textuais feitas por alunos do 4º ano do ensino médio integrado do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, *campus* Santa Cruz, durante a primeira oficina de um projeto de extensão que objetivava oferecer um treinamento para a confecção da redação do ENEM. Os trechos analisados foram escolhidos para exemplificar a aplicação do princípio da iconicidade, que pode justificar a opção por esses usos dos alunos, levando em consideração aspectos discursivos e/ou cognitivos, como prevê o modelo de análise. Para o desenvolvimento dessa análise, este trabalho divide-se, afora esta seção, em mais duas. A seção seguinte trata de algumas definições e categorias de análise da LFCU, bem como alguns exemplos reportados por pesquisadores da área. A terceira seção traz alguns trechos das redações componentes do *corpus* descrito anteriormente, que serão analisados a partir das categorias explicitadas. Por fim, apresentamos algumas considerações finais, resumindo o que foi exposto e discutido no trabalho e as conclusões plausíveis a partir da análise desenvolvida, assim como os possíveis encaminhamentos para a expansão da análise considerando o mesmo *corpus*.

Palavras-chave: Produção Textual, Princípio da Iconicidade, Linguística Funcional Centrada no Uso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da aplicação dos conhecimentos adquiridos na disciplina “Fundamentos em sintaxe” e pretende apresentar os resultados de uma análise preliminar de dados de escrita produzidos por alunos na etapa final do ensino médio a partir de alguns pressupostos teóricos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

O *corpus* analisado é composto por fragmentos de produções textuais feitas por alunos do 4º ano do ensino médio integrado do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, *campus* Santa Cruz, durante a primeira oficina de um projeto de extensão que objetivava oferecer um treinamento para a confecção da redação do ENEM. Os trechos analisados foram escolhidos para exemplificar uma das categorias estudadas em sala de aula, que pode justificar a opção por esses usos dos alunos, levando em consideração aspectos discursivos e/ou cognitivos, como prevê o modelo de análise.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, pedrofelipelh@hotmail.com.

A LFCU foi escolhida para analisar esses dados porque (i) foi a teoria na qual tive um maior aprofundamento devido à apresentação de seminário sobre um texto que a discutia; (ii) ela é capaz de explicar diversos fenômenos presentes não apenas nas manifestações orais da linguagem, mas também nos usos escritos; (iii) as explicações oferecidas por ela, a partir de sua ancoragem nos pressupostos da linguística funcional clássica e da linguística cognitiva, levam em consideração aspectos fundamentais no processo de produção textual (comunicativos, discursivos, interacionais, cognitivos), utilizando-os como variáveis que podem condicionar determinados usos linguísticos dentro de contextos reais de uso.

Para o desenvolvimento dessa análise, este trabalho divide-se, afora esta seção, em mais duas. A seção seguinte trata de algumas definições e categorias de análise da LFCU, bem como alguns exemplos reportados por pesquisadores da área. A terceira seção traz alguns trechos das redações componentes do *corpus* descrito anteriormente, que serão analisados a partir das categorias explicitadas. Por fim, apresentamos algumas considerações finais, resumindo o que foi exposto e discutido no trabalho e as conclusões plausíveis a partir da análise desenvolvida, assim como os possíveis encaminhamentos para a expansão da análise considerando o mesmo *corpus*.

2. A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Segundo Furtado da Cunha *et al.* (2013, p.14), a LFCU configura-se como uma tendência funcionalista para o estudo de fenômenos da linguagem baseada principalmente nos pressupostos da linguística funcional e da linguística cognitiva, sendo também conhecida como Linguística cognitivo-funcional. Alguns pontos dessas vertentes são convergentes, principalmente no que se refere à utilização de dados reais de uso da língua para a explicação de fenômenos de sua gramática, como a postura de que sintaxe não é autônoma.

A agenda da linguística funcional norte-americana, principalmente a partir dos anos 70, propõe que as pesquisas sobre fenômenos linguísticos devem partir de uma análise empírica sobre as relações entre aspectos da interação e do discurso (extralinguísticos) e o estabelecimento de padrões gramaticais. Dessa forma, a simbiose entre situação enunciativa, interação, discurso e língua está no cerne dessa agenda de investigação. A linguística cognitiva, difundida também na mesma época, ancora-se no pressuposto de que os princípios utilizados para construir as gramáticas das línguas são os mesmos que a mente humana, através da cognição, utiliza para realizar todas as atividades não linguísticas. Dessa forma, noções como categorização, organização conceptual e processamento, tipicamente ligadas à cognição, são utilizadas também para descrever os fenômenos gramaticais, frutos da “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua” (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p.14).

A Linguística cognitivo-funcional, por conseguinte, mescla essas duas abordagens e lança mão do entendimento de que a língua é constituída de “um mosaico complexo de atividades comunicativas, cognitivas e sociais estreitamente integradas a outros aspectos da psicologia humana” (TOMASELLO, 1998, *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 15). Assim, a LFCU defende, como princípio basilar, que a estrutura da língua emerge a partir do uso desta (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011, *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 17), e defende que as regularidades e instabilidades dos sistemas linguísticos têm intrínseca relação com as práticas discursivas dos falantes em contextos reais de enunciação, sendo motivadas por estas (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

De acordo com Bybee (2010, *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 15), a LFCU busca “descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia, numa abordagem pancrônica”. Destarte, análises pautadas nas frequências de uso e na modelagem de estruturas da língua no discurso, bem como nas questões pragmáticas envolvidas nesse processo, formam o escopo de observação dessa abordagem linguística. Segundo os autores:

A frequência de uso de uma determinada construção leva a seu estabelecimento no repertório do falante e faz dela uma unidade de processamento, o que implica que o falante explora recursos gramaticais disponíveis para atingir seus objetivos comunicativos. No entanto, o discurso exhibe padrões recorrentes que extrapolam o que é predizível pelas regras gramaticais, apenas, e a explicação para a existência desses padrões deve ser procurada no âmbito da cognição e da comunicação (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 15).

Em contraste aos modelos gerativos - que justificam a existência de universais linguísticos (princípios que formam a Gramática Universal) partindo da crença de que existem operações gramaticais subscritas no código genético de nossa espécie (o que estabelece um correlato estreito entre formas gramaticais e desenvolvimento biológico da mente/cérebro) -, a LFCU justifica a existência desses padrões a partir da universalidade dos usos para os quais a língua serve. Essas propriedades, então, de certa forma refletem padrões psicológicos e socioculturais universais, e seu estudo pode auxiliar a entender a natureza da cognição (a partir de pesquisas envolvendo categorização, configurações espaciais e temporais, focalização de atenção, gerenciamento de informação, entre outros) e da interação humana (a partir do estudo sobre necessidades comunicativas universais) (SLOBIN, 1980; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Gívon (1979) e Bybee (*at al.*, 1994) têm apresentado resultados que parecem descrever trajetórias universais de gramaticalização que promovem construções gramaticais novas. Consoante Furtado da Cunha *et al.*,

Essas trajetórias comuns de gramaticalização podem ser explicadas em termos de processos cognitivos e comunicativos, como automatização, habituação, descontextualização, categorização, inferenciação pragmática, dentre outros. Esses processos se dão no uso comunicativo de expressões linguísticas ao longo do tempo

e, portanto, têm a ver com o modo como os falantes “embalam” suas conceitualizações visando à comunicação interpessoal. Logo, os verdadeiros mecanismos que motivam a mudança refletem processos cognitivos e interacionais básicos que permeiam o uso real da língua (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 17).

Com o intuito de analisar esses processos que permeiam a mudança linguística, a LFCU considera algumas categorias que abrangem aspectos internos e externos da língua, dentre elas iconicidade, perspectivação, categorização, marcação, saliência discursiva, contrastividade, prototipicidade, informatividade, ordenação e padrão discursivo. No tópico seguinte, será apresentado com maior detalhamento o princípio da iconicidade, com destaque para o subprincípio da proximidade, categoria utilizada para a análise aqui proposta.

2.1 O PRINCÍPIO DA ICONICIDADE

Em harmonia com Gívon (1984), o princípio da iconicidade diz respeito à relação de motivação existente entre uma forma linguística e sua função. A linguística funcionalista postula que a organização linguística ocorre com base nos mesmos parâmetros da conceitualização humana do mundo exterior. Dessa forma, segundo Croft (1990, *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013), “a estrutura de uma construção gramatical reflete, de algum modo, a estrutura do conceito que ela expressa”. Conforme Furtado da Cunha (*et al.*, 2013), acolhe-se

[...] a ideia de que, na língua, identificam-se determinados padrões que mantêm uma correlação aproximada com o sentido que eles designam, sendo, portanto, perceptíveis os laços entre forma e função. Em contrapartida, há casos em que essa relação não é nítida, revelando-se aparentemente arbitrária e impossibilitando o estabelecimento da conexão entre o plano da expressão e o do conteúdo. Ou seja, tomadas sincronicamente, determinadas estruturas exibem um acentuado grau de opacidade em comparação com os papéis que desempenham. Isso é flagrante, sobretudo, nos marcadores conversacionais, tais como *bom, aí, tá?* por exemplo (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 23).

O princípio da iconicidade é geralmente analisado levando-se em consideração três subprincípios: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear (GÍVON, 1984). O subprincípio da proximidade, especificamente, prevê que

os conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentam com maior grau de aderência morfossintática. Quer dizer, a contiguidade estrutural entre os morfemas de um vocábulo, ou entre os constituintes de um sintagma, ou ainda entre os enunciados num texto reflete a estreita relação entre os signos no nível conceitual (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 24).

Ou seja, a relação de contiguidade e aproximação entre elementos no plano do conteúdo (nível conceitual) tende a se refletir na aproximação entre elementos gramaticais (nível formal). Sobre isso,

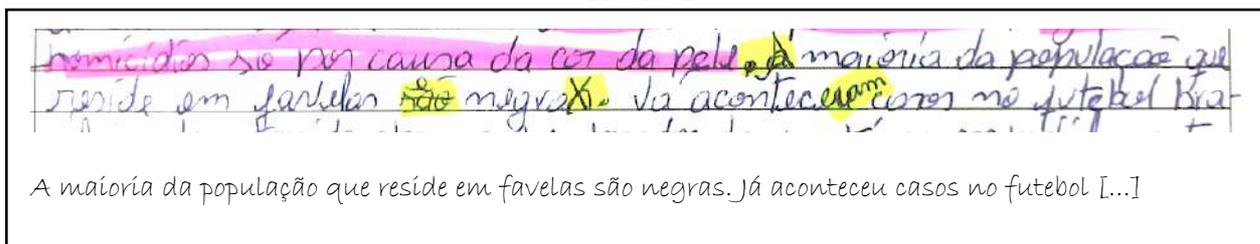
Bybee (*et al.*, 1994, p.11) afirma que “[...] elementos que estão semanticamente juntos tendem a vir próximos um do outro na cláusula”. Haiman (1983, p. 781), também atesta isso, ao afirmar que “a distância entre expressões linguísticas deve ser um índice iconicamente motivado da distância conceitual entre os termos ou eventos que elas denotam”.

A partir do subprincípio abordado nesta seção, serão analisados os trechos das produções textuais feitas por alunos do ano final do ensino médio do IFRN, *campus* Santa Cruz, com o intuito de avaliar se alguns desvios de concordância podem ser explicados por meio de sua aplicação.

3. ANÁLISE DOS TRECHOS DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS

Os trechos analisados nesta sessão foram retirados de produções textuais escritas por alunos participantes de um projeto de extensão ofertado para alunos do 4º ano do ensino técnico integrado ao médio do IFRN, *campus* Santa Cruz, com o propósito de aperfeiçoar sua proficiência dentro do gênero “redação do ENEM”. Os fragmentos foram escaneados e transcritos conforme a escrita original dos textos, dado que as produções foram modificadas pelos corretores no momento da correção, e reportados a seguir.

Trecho 1



O trecho 1 apresenta um caso clássico de desvio de concordância verbal, já que o núcleo sintático da oração a que o verbo faz referência é o nome “maioria”, que está morfologicamente no singular. Entretanto, do ponto de vista conceptual, a ideia de plural fica evidente tanto no sintagma nominal quanto na oração relativa a ele relacionada. Isso poderia justificar a opção pela utilização do verbo no plural. Essa hipercorreção não acontece nos exemplos a seguir.

Trecho 2

Os educadores deveriam dar maior atenção aqueles que em pleno século 21 ainda sofre com tamanha hipocrisia, ^{que os} impossibilitando de ser

[...] os educadores deveriam dar maior atenção aqueles que em pleno século 21 ainda sofre com tamanha hipocrisia [...]

Trecho 3

Para tal, cabe a cada cidadão tomar como responsabilidade escolher representantes que ajam de forma a garantir o que promete. E cabe ao governo inden-

Para tal, cabe a cada cidadão tomar como responsabilidade escolher representantes que ajam de forma a garantir o que promete.

No trecho 2, pode-se observar a ausência de concordância entre o verbo “sofrer” e o núcleo a que ele está relacionado (o pronome “aqueles”). O princípio da proximidade pode explicar esse uso por dois motivos: (i) o núcleo estritamente sintático da oração é o pronome relativo “que”, que sempre está no singular; e (ii) a existência de um espaço relativamente longo entre o núcleo semântico “aqueles” e o verbo “sofre”, preenchido pela locução adverbial “em pleno século 21” e pelo advérbio “ainda”. Ambas as situações afastam os elementos que deveriam estar semântica e sintaticamente articulados, o que explica a opção pelo singular. Algo parecido acontece com o trecho 3, no qual o verbo “prometer” está dentro de uma oração relativa que tem por núcleo sintático o pronome relativo no singular e distante do referente sintático com o qual deveria concordar semanticamente, o núcleo nominal “representantes”.

Algo análogo a uma das justificativas apresentadas acima parece explicar o desvio de concordância nos trechos 4 e 5.

Trecho 4

A luta diária de vários negros conquistarem feitos inimagináveis, porém infelizmente ainda não conquistaram o reconhecimento merecido. Como exemplo disso podemos ane

A luta diária de vários negros conquistarem feitos inimagináveis, porém infelizmente ainda não conquistou reconhecimento merecido [...]

Trecho 5

Como passar dos anos vemos que muitas coisas mudam de forma significativa
ao longo do tempo, por exemplo a moda e as construções; porém, existem aspectos
e costumes que nunca mudam e de certa maneira agem de forma negativa em nossa
sociedade. O racismo crítico e o preconceito enraizado ^{são alguns} ~~entre~~ delas ~~estão~~ infelizmente

[...] existem aspectos e costumes que nunca mudam e de certa forma age de forma negativa

No trecho 4, o verbo “conquistar” deveria concordar com o substantivo “negros”, que está no plural. Porém, o grande espaço entre ambos - preenchido pelo articulador que introduz a nova oração e os advérbios (um deles em uma posição não prototípica) - e o fato de o verbo estar numa oração coordenada cujo sujeito é elíptico fazem com que exista opacidade na relação entre o verbo e seu sujeito. O mesmo acontece com o verbo “agir” no trecho 5, que deveria concordar com o substantivo “costumes”. A presença da oração relativa e de articuladores entre o verbo e o núcleo a que este se relaciona oferece uma distância crucial para a quebra do princípio da proximidade, materializada na ausência de concordância.

O trecho 6, a seguir, apresenta um caso de hipercorreção muito comum no uso do infinitivo, que, de acordo com a gramática normativa, pode ou não ser flexionado.

Trecho 6

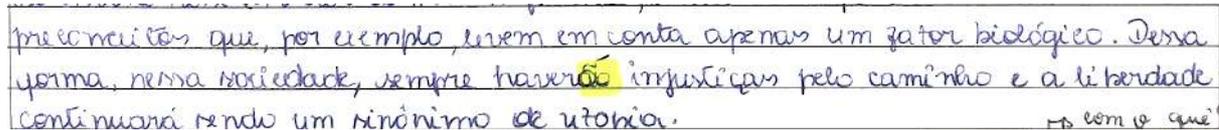
faz-se mister, por meio da escola e da família, a aplicação de medidas
educativas que façam o com que todos os pré-conceitos estabelecidos
de que negros têm que servirem aos brancos sejam erradicados, de ma

[...] a aplicação de medidas educativas que façam o com que todos os pré-conceitos estabelecidos de que os negros têm que servirem aos brancos sejam erradicados [...]

O verbo “servir”, na forma nominal infinitiva, deveria estar no singular segundo orientações da gramática tradicional, funcionando sintaticamente como núcleo nominal do complemento do verbo “ter que” (que está sendo utilizado no sentido de precisar). Entretanto, devido aos traços semânticos verbais e a sua proximidade sintática e semântica com o núcleo nominal “negros”, o estudante optou por fazer a concordância que marca essa proximidade.

O fragmento reproduzido no trecho 7 apresenta uma hipercorreção bastante recorrente em textos de usuários que utilizam a variante escrita do Português Brasileiro: a concordância do verbo “haver” com o núcleo do sintagma nominal seguinte.

Trecho 7



preconceitos que, por exemplo, levam em conta apenas um fator biológico. Dessa forma, nessa sociedade, sempre haverá injustiças pelo caminho e a liberdade continuará sendo um sinônimo de utopia. → com o que?

Dessa forma, nessa sociedade, sempre haverá injustiças pelo caminho [...]

Nesse caso, o subprincípio da proximidade poderia justificar a opção pela escolha da concordância do verbo “haver” com o núcleo “injustiças”, já que aquele tende a ser utilizado analogamente ao verbo “existir”, seu correspondente semântico, importando, inclusive, sua grade argumental e a posição prototípica do seu argumento externo. Dessa forma, apesar de classificado pela gramática normativa como verbo impessoal, ele é bastante utilizado como verbo pessoal com sujeito posposto, fato atestado pelos altos índices de hipercorreção em textos escritos e rastro gramatical da aplicação do subprincípio da proximidade.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Pretendeu-se com este texto apresentar uma aplicação empírica e sintética de um dos temas estudados durante a disciplina de “Fundamentos em Sintaxe”, ministrada pela professora visitante Maria Angélica Furtado da Cunha. Acredita-se que esse objetivo foi cumprido, na medida em que uma breve revisão da literatura foi apresentada e discutida a partir da análise de um pequeno *corpus* composto por dados reais de língua escrita, extraído de produções textuais de alunos no final do ensino básico.

A partir desse aprofundamento (e de todo o processo até aqui depreendido) é possível constatar a importante e substancial aplicação das teorias de base funcionalista, dentre elas a LFCU, no trabalho do professor durante sua prática pedagógica, principalmente no que se refere a correção e análise dos textos de seus alunos. Esse arsenal contribui diretamente para a qualidade e para o sucesso das estratégias de reparo que podem ser utilizadas pelo docente, visando auxiliar seus alunos a dominarem a utilização de variantes mais próximas do português padrão. Além disso, os dados de escrita coletados na sala de aula também podem ajudar linguistas teóricos na testagem de hipóteses acerca de pressupostos axiomáticos das teorias com as quais trabalham, a exemplo do que tentou se fazer aqui.

REFERÊNCIAS

BARLOW, M. KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____, et al. *The evolution of grammar: tense aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: UCP, 1994.

CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge, United Kingdom: CUP, 1990.

FURTADO DA CUNHA, M. A., et al. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

GÍVON, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. I. New York: Academic Press, 1984.

_____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, p. 781-819, 1983.

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1980.

TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.